



## RAÍZES AFRICANAS DA FILOSOFIA GREGA: A PERSPECTIVA DA AFROCENTRICIDADE

### AFRICAN ROOTS OF GREEK PHILOSOPHY: THE PERSPECTIVE OF AFROCENTRICITY

Daniel Roberto Duarte Granetto<sup>1</sup>

#### RESUMO

Este artigo tem por objetivo esboçar uma breve apresentação das raízes africanas da filosofia grega na perspectiva da Afrocentricidade. Para tanto, por meio de uma abordagem qualitativa, foi efetuado o levantamento bibliográfico de alguns dos principais estudiosos afrocentristas que se dedicaram ao tema, com destaque para Molefi Asante, Cheikh Diop, Théophile Obenga, entre outros. Além disso, utilizou-se a pesquisa documental a partir de duas categorias de fontes da História Antiga: documentos literários de cinco escritores gregos (Homero, Heródoto, Diodoro Sículo, Diógenes Laércio e Platão), mediante suas traduções modernas do grego; e documentos arqueológicos de textos de dois pensadores egípcios (Ptah-hotep e Amen-em-ope), traduzidos por Emanuel Araújo. Dessa forma, este trabalho procura contrapor o paradigma hegemônico ocidental da filosofia grega com os estudos afrocêntricos e com a análise das fontes que demonstram a profunda contribuição africana aos pensadores gregos, em particular por meio da civilização do Egito Antigo. Nesse sentido, são discutidos aspectos como: a passagem do Modelo Antigo para o Modelo Ariano da civilização grega; características, fontes e críticas do paradigma afrocêntrico; o papel do Egito como centro de sabedoria do Mundo Antigo; e a ideia afrocêntrica aplicada em educação. Por fim, a presente pesquisa conclui que a Afrocentricidade pode servir como novo paradigma que auxilia no combate ao racismo epistêmico persistente no meio escolar e acadêmico, por destacar a contribuição da África e dos africanos na História Mundial.

**Palavras-chave:** Filosofia grega. Afrocentricidade. Eurocentrismo. Racismo epistêmico. Egito Antigo.

#### Abstract

The aim of this article is to give a brief presentation of the African roots of Greek philosophy from the perspective of Afrocentricity. To this end, using a qualitative approach, a bibliographical survey was carried out of some of the main Afrocentrist scholars who have dedicated themselves to the subject, with emphasis on Molefi Asante, Cheikh Diop, Théophile Obenga, among others. In addition, documentary research was used based on two categories of sources from Ancient History: literary documents from five Greek writers (Homer, Herodotus,

<sup>1</sup> Graduando em História pelo Centro Universitário Sagrado Coração (UNISAGRADO, Bauru). Artigo realizado sob a orientação da Prof. Dra. Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa, na matéria Metodologia da Pesquisa em História, e do Profº Drº Roger M. M. Gomes, em História Contemporânea.



Diodorus Sychicus, Diogenes Laertius and Plato), through their modern translations from Greek; and archaeological documents from texts by two Egyptian thinkers (Ptah-hotep and Amen-em-ope), translated by Emanuel Araújo. In this way, this work seeks to counter the hegemonic Western paradigm of Greek philosophy with Afrocentric studies and the analysis of sources that demonstrate the profound African contribution to Greek thinkers, particularly through the civilization of Ancient Egypt. In this sense, aspects such as: the passage from the Ancient Model to the Aryan Model of Greek civilization; characteristics, sources and criticisms of the Afrocentric paradigm; the role of Egypt as the center of wisdom in the Ancient World; and the Afrocentric idea applied to education are discussed. Finally, this research concludes that Afrocentricity can serve as a new paradigm that helps combat persistent epistemic racism in the school and academic environme

**Keywords:** Greek philosophy. Afrocentricity. Eurocentrism. Epistemic racism. Ancient Egypt.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo esboçar uma breve apresentação das raízes africanas da filosofia grega na perspectiva da Afrocentricidade. Para tanto, por meio de uma abordagem qualitativa, foi efetuado o levantamento bibliográfico de alguns dos principais estudiosos afrocentristas que se dedicaram ao tema, com destaque para Molefi Kete Asante, Cheikh Anta Diop e Théophile Obenga, entre outros.

Além disso, utilizou-se a pesquisa documental a partir de duas categorias de fontes oriundas da História Antiga: documentos literários de cinco escritores gregos (Homero, Heródoto, Diodoro Sículo, Diógenes Laércio e Platão), mediante suas traduções modernas do grego; e documentos arqueológicos de textos de dois pensadores egípcios (Ptah-hotep e Amen-em-ope), traduzidos por Emanuel Araújo (2000).

Dessa forma, este trabalho procura contrapor o paradigma hegemônico ocidental da filosofia grega com os estudos afrocêntricos e com a análise das fontes que demonstram a profunda contribuição africana aos pensadores gregos, em particular por meio da civilização do Egito Antigo. Nesse sentido, são discutidos aspectos como: a passagem do Modelo Antigo para o Modelo Ariano da civilização grega; características, fontes e críticas do paradigma afrocêntrico; o papel do Egito como centro de sabedoria do Mundo Antigo; e a ideia afrocêntrica aplicada em educação.



Destarte, este artigo pretende apresentar a filosofia grega com um novo olhar, segundo a ótica da Afrocentricidade. Em primeiro lugar, deve ser destacada a dificuldade em se definir o conceito de filosofia. Neste trabalho será adotada a concepção afrocentrada segundo a qual “[...] a filosofia poderia ser definida como pensamento reflexivo sistemático sobre a vida.” (OBENGA, 2004, p. 33)<sup>2</sup>. Nessa acepção, a filosofia é vista como intrinsecamente humana (RAMOSE, 2011), pois auxilia a formular e a tentar responder perguntas que surgem desde a infância, estando desse modo presente desde que o primeiro ser humano surgiu (DUARTE, 2019), e também pode ser traduzida como a coragem de pensar o Absoluto. (TOWA, 2015).

Dessa maneira, o congolês Théophile Obenga lança a seguinte consideração introdutória: “É um mero preconceito acreditar que a época filosófica da humanidade começa primeiro entre os gregos no quinto século a.C. Esse preconceito implica que outros povos antigos não se engajaram no pensamento especulativo.” (OBENGA, 2004, p. 31)<sup>3</sup>.

Do mesmo modo, Facão (2017, p. 179) salienta acerca da filosofia do Egito Antigo:

Durante muito tempo, os historiadores destacaram apenas a função prática do conhecimento egípcio, como a aplicação da astronomia e geometria. Por escassez de material, e também de um certo dogmatismo vinculado ao eurocentrismo, a contribuição filosófica dos egípcios foi totalmente menosprezada por muitos intelectuais modernos.

Diante do exposto, diversos estudiosos, como George James (1954), apontaram à íntima conexão entre os primeiros pensadores gregos e a filosofia do Egito Antigo, civilização africana estabelecida no Vale do Nilo, evidenciando a profunda influência que aqueles tiveram desta em variados aspectos. Apesar disso, nota-se que a maioria dos manuais de História da Filosofia transmite a ideia de que a filosofia é uma invenção do gênio helênico, que seria dotado de uma capacidade reflexiva e de abstração superior a todos os demais povos da Antiguidade. Um exemplo disso é a obra de Giovanni Reale (1990), ao afirmar explicitamente a superioridade dos gregos em relação aos outros povos no tocante à filosofia, considerada pelo autor uma novidade absoluta na História. Essa linha de pensamento está enraizada em pressupostos

<sup>2</sup> Tradução do inglês: “[...] philosophy could be defined as systematic reflective thinking on life.” (OBENGA, 2004, p. 33).

<sup>3</sup> Tradução do inglês: “It is a mere prejudice to believe that the philosophical epoch of humanity begins first among the Greeks in the fifth century BC. This prejudice implies that other ancient people did not engage in speculative thought.” (OBENGA, 2004, p. 31).



eurocêntricos, pois, ao conceder ao grego o privilégio de fundador da filosofia e do pensamento abstrato, esse dom passa a pertencer de igual modo exclusivamente aos europeus e aos seus descendentes brancos, considerados herdeiros da civilização greco-latina. (ASANTE, 1987).

Cabe ressaltar que o eurocentrismo deve ser entendido como uma ideologia, paradigma e/ou discurso, parte de um etnocentrismo singular e diferenciado de outras correntes etnocêntricas, refletido na escrita e no ensino de História Geral e de História da África no Ocidente e no Brasil, mesmo no próprio continente africano. (BARBOSA, 2008). Destarte, os discursos de caráter eurocêntrico tendem a entender a História enquanto um contínuo linear de eventos pautado na ideia teleológica de progresso, ao interpretar o passado do ponto de vista do presente. Nesse aspecto, o historiador Jack Goody faz a seguinte ressalva:

A perfeita linearidade dos modelos teleológicos rotula tudo o que não é europeu como faltoso e carente e força a história europeia a se encaixar em uma narrativa de mudanças progressivas duvidosas. Esse modelo tem de ser substituído por uma historiografia que seja mais flexível na abordagem da periodização, que não pressuponha a superioridade europeia única no mundo pré-moderno e que relacione a história europeia com a cultura compartilhada da Revolução Urbana da Idade de Bronze. (GOODY, 2013, p. 17).

Portanto, pode ser entendida como eurocêntrica a tendência, pela academia moderna, de omitir as raízes africanas da filosofia grega em defesa de um “milagre” grego, isto é, a descoberta *ex nihilo* da razão entre os helenos. Esse viés foi classificado por Martin Bernal (1987) como o “Modelo Ariano” do pensamento ocidental acadêmico, em oposição ao “Modelo Antigo”, a saber, aquele formulado pelos próprios greco-latinos em reconhecimento ao amplo legado afro-asiático transmitido à sua civilização.

Desse modo, o sul-africano Mogobe Ramose (2011, p. 8-9) destaca: “Os conquistadores da África durante as injustas guerras de colonização se arrogaram a autoridade de definir filosofia. Eles fizeram isto cometendo epistemicídio, ou seja, o assassinato das maneiras de conhecer e agir dos povos africanos conquistados.”. Deste modo, “[...] a dúvida sobre a existência da Filosofia Africana é, fundamentalmente, um questionamento acerca do estatuto ontológico de seres humanos dos africanos.”. (*Ibid.*, p. 7).

Assim, um dos efeitos desse epistemicídio é a persistência do racismo epistêmico, ou seja, a negação da capacidade intelectual de um grupo étnico ou racial, que encontra espaço por



vezes na produção acadêmica e nos livros didáticos do Brasil. (MOORE, 2007; NOGUERA, 2014). De acordo com Noguera (2014, p. 27-28): “No caso específico da filosofia, o racismo epistêmico sustenta que apenas o mundo ocidental pode garantir a *filosoficidade* de um saber.”.

Isso ocorre apesar de ter sido promulgada em 2003 a Lei 10.639, a qual determina a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas públicas e privadas da Educação Básica. Essa determinação naturalmente inclui o ensino da filosofia dos povos africanos desde a sua primeira aparição conhecida, a saber, no Egito Antigo, conforme enfatiza o filósofo afro-brasileiro Renato Noguera (2014), para quem a História da Filosofia em afroperspectiva implica uma historiografia inclusiva que possa ultrapassar as três grandes linhas da filosofia ocidental contemporânea: a continental, a analítica e o pragmatismo.

Por fim, a presente pesquisa conclui que a Afrocentricidade pode servir como novo paradigma que auxilia no combate ao racismo epistêmico persistente no meio escolar e acadêmico, por destacar a contribuição da África e dos africanos na História Mundial.

## O MODELO ANTIGO DA CIVILIZAÇÃO GREGA

Seguindo a classificação adotada por Bernal (1987), a tradição dos estudos clássicos pode ser dividida em dois grandes paradigmas centrais: o Modelo Antigo e o Modelo Ariano. Neste tópico o primeiro será abordado a partir das fontes literárias dos escritores gregos desta pesquisa, sendo tratado o segundo no próximo tópico com base nos estudos afrocêntricos.

O Modelo Antigo refere-se às tradições dos próprios greco-latinos que reconheciam a rica influência que receberam das civilizações do Vale do Nilo, a saber, Egito (Kemet) e Etiópia (Núbia). Dessa forma, o estudo da literatura clássica permite concluir que os gregos cultivavam profunda admiração e respeito em relação aos “etíopes”, termo genérico que significa “pele tostada”, em referência aos negros africanos em geral. (CANDIDO, 2018). Um exemplo disso pode ser verificado na descrição positiva que Homero faz dos etíopes quando refere na *Iliada* um banquete de doze dias realizado pelos deuses do Olimpo com aquele povo, um sinal de grande honra e dignidade: “[...] pois Zeus, de fato, foi ontem, seguido de todos os deuses, para o banquete dos puros Etíopes, que moram no oceano. Somente após doze dias de novo estará no alto Olimpo.”. (*Il.*, I, 423-425; 2015, p. 52). Cabe assinalar que, embora a historicidade e a



época de Homero sejam assunto de discussão entre os eruditos, sabe-se que as obras atribuídas ao poeta, a *Iliada* e a *Odisseia*, já estavam em circulação desde pelo menos o século VII a.C. e exerceram uma profunda influência sobre o desenvolvimento da mentalidade e do imaginário helênicos nos séculos seguintes. (WEST, 1999).

De semelhante modo, os gregos nutriam um fascínio particular pela civilização egípcia, considerada uma terra de maravilhas incontáveis e inexprimíveis, o que é demonstrado com a seguinte afirmação entusiasmada de Heródoto: “Vou estender o meu relato sobre o Egito, porque ele tem mais maravilhas que qualquer outro território e apresenta obras dignas de grande relato em comparação a qualquer outro território; por esses motivos, falarei mais a respeito dele.”. (*Hist.*, II, 35; 2016, p. 41). Com efeito, esse historiador do século V a.C. percorreu muitas regiões do mundo então conhecido, e sua descrição do Egito ressalta a singularidade dessa civilização em comparação com as demais que visitou ou de que ouviu falar em suas viagens, sendo que sua obra teve uma notável repercussão sobre o olhar que os gregos passariam a ter em relação aos estrangeiros nos séculos seguintes. (MORAES, 1999).

Ademais, o reconhecimento helênico de sua dívida para com os povos africanos abrange diversas áreas, inclusive a filosofia. De fato, Diógenes Laércio, escritor do século III, refere em seu relato biográfico que alguns autores consideravam que “[...] o estudo da filosofia começou entre os bárbaros” (*Vidas*, I, 1; 2008, p. 13), fazendo menção de diversos povos, como persas, indianos, celtas e egípcios. Destarte, embora não mencione esses autores expressamente, pode-se inferir que Laércio estava familiarizado com o seu depoimento, referindo-se aos estrangeiros de fala não grega como “bárbaros”, termo que nem sempre carregava uma conotação pejorativa na pena dos escritores clássicos, como é o caso aqui. (FACÃO, 2017).

Em complemento a Diógenes, outro escritor, Diodoro Sículo, historiador do século I a.C. que estudou no Egito, atribui a invenção da filosofia aos egípcios, a quem chama de tebanos em referência à importante cidade de Tebas, no Alto Egito, bem como a criação do estudo dos astros, então designado como astrologia: “Os tebanos afirmam que são os mais antigos de todos os homens e que foi entre eles que, pela primeira vez, a filosofia e a astrologia foram inventadas com rigor, pois o seu território os ajudava a contemplar com mais clareza, a um só tempo, o





nascer e o pôr dos astros.”. (*Bibl. Hist.*, I, 50, 1; 2001, p. 240)<sup>4</sup>. À parte certas idealizações, esse é mais um testemunho do Modelo Antigo da origem da filosofia.

Diodoro Sículo também menciona que muitos gregos renomados por sua inteligência e educação se aventuraram no Egito nos tempos antigos para aprender suas tradições e conhecer seus ensinamentos, e em seguida enumera alguns de seus nomes:

Os sacerdotes dos egípcios relatam em sua história, a partir das escrituras dos livros sagrados, que se encontraram com eles na Antiguidade Orfeu, Museu, Melampo e Dédalo; e, além destes, Homero, o poeta, e Licurgo, o espartano, e ainda Sólon de Atenas, e Platão, o filósofo; e foi também Pitágoras de Samos, e o matemático Eudoxo e ainda Demócrito de Abdera, e Enópides de Quios. [...] mostrando que foi importado do Egito tudo aquilo pelo que foram admirados entre os gregos. (*Bibl. Hist.*, I, 96, 2; 2001, p. 315-316)<sup>5</sup>.

Embora a historicidade de alguns desses personagens seja debatida, enquanto outros são reconhecidamente míticos, essa passagem evidencia que grandes conquistas do gênio helênico em diversas áreas do saber possuem uma dívida inestimável para com a civilização egípcia. É possível ainda indagar sobre a autenticidade da alegação de Diodoro de haver recebido essa informação diretamente dos sacerdotes egípcios, porém esse relato encontra paralelo em outros escritores mais antigos como Heródoto que também se informaram no Egito. Portanto, pode-se considerar autêntica a narrativa de Diodoro em seu ponto principal, a saber, a valorização do Egito como centro de sabedoria do Mundo Antigo para onde se dirigiam muitos matemáticos, naturalistas, legisladores, poetas e pensadores gregos de eminência.

O primeiro nome dessa lista é referente ao poeta trácio Orfeu, considerado pela tradição o fundador de uma escola de mistérios que recebe o seu nome, o orfismo, embora não se tenha certeza de sua historicidade. De todo modo, o orfismo foi um dos elementos que mais influenciaram no surgimento posterior da filosofia grega, por introduzir naquela sociedade um novo esquema de crenças e uma nova interpretação da existência humana, afastando-se da concepção

<sup>4</sup> Tradução do espanhol: “Los tebanos afirman que ellos son los más antiguos de todos los hombres y que fue entre ellos donde fueron inventadas primero la filosofía y la astrología con rigor, pues a la vez su territorio les ayudaba a contemplar más nítidamente las salidas y las puestas de los astros.”. (SÍCULO, 2001, p. 240).

<sup>5</sup> Tradução do espanhol: “Los sacerdotes de los egipcios relatan en su historia, a partir de las escrituras de los libros sagrados, que se desplazaron hasta ellos en la Antigüedad Orfeo, Museo, Melampo y Dédalo; y, además de éstos, Homero, el poeta, y Licurgo, el espartano, y aún Solón de Atenas, y Platón, el filósofo, y fue también Pitágoras de Samos, y el matemático Eudoxo y aún Demócrito de Abdera, y Enópides de Quios. [...] demostrando que fue importado de Egipto todo aquello por lo que fueron admirados entre los griegos.”. (SÍCULO, 2001, p. 315-316).



tradicional mito-poética representada por Homero e Hesíodo. (REALE, 1990). Logo, a partir do relato de Diodoro Sículo, depreende-se que o orfismo trazia consigo componentes vitais do pensamento filosófico e religioso egípcio e africano, como a crença na imortalidade da alma.

O Modelo Antigo igualmente encontra representatividade no *Timeu* de Platão, no qual seu personagem Crítias narra a viagem do ateniense Sólon ao Egito, onde dialoga com os sacerdotes de Saís, no Delta do Nilo, a respeito de eventos antigos. Embora não se saiba ao certo se esse diálogo tomou curso, sabe-se que Sólon, considerado um dos sete sábios da Hélade pela tradição, executou reformas na legislação de Atenas por volta de 600 a.C., sendo portanto contemporâneo de Tales e Pitágoras. (REALE, 1990). Além disso, Sólon figura na lista citada acima de Diodoro Sículo como um dos gregos que visitou o Egito em busca de sabedoria, o que reforça a credibilidade do relato de Platão em *Timeu*.

Platão, na boca de Crítias, reporta que um dos sacerdotes responde a Sólon com ironia: “Ó Sólon, Sólon, vós, Gregos, sois todos umas crianças; não há um grego que seja velho.”. (*Tim.*, 22b6-22b7; PLATÃO, 2011, p. 83). Em seguida o ancião explica: “[...] não tendes nenhuma crença antiga transmitida pela tradição nem nenhum saber encanecido pelo tempo.”. (*Tim.*, 22b10-22c1; *ibid.*, p. 83). Em compensação, os egípcios, segundo ele, desde os tempos remotos registram todo conhecimento belo e grandioso, de modo que “[...] isso fica gravado nos nossos templos e mantém-se conservado.”. (*Tim.*, 23a6-23a7; *ibid.*, p. 84).

Portanto, apesar dos elementos míticos e alegóricos presentes nesse diálogo, é possível notar que Platão expressa, na fala de seu personagem Crítias, o seu próprio reconhecimento do legado egípcio no que concerne à sabedoria transmitida aos gregos e a outros povos. Isso é feito ao apresentar a antiguidade da civilização egípcia em contraste com a nascente civilização grega clássica, ainda em sua fase de “infância”. Outro dado que chama a atenção é a referência de que os sacerdotes saítas nutriam uma profunda simpatia pelos atenienses, mais um indicativo das trocas culturais de ambas as sociedades.

## O MODELO ARIANO DA CIVILIZAÇÃO GREGA

De acordo com Bernal (1987), o Modelo Antigo continuou a ser aceito no Ocidente, embora com notáveis exceções, pela maioria dos acadêmicos até o século XVIII, momento em





que o Iluminismo gradativamente passou a depreciar esse paradigma em prol do Modelo Ariano, do qual se tratará a seguir. Assim, a derrubada do Modelo Antigo é marcada pela progressiva substituição do Egito pela Grécia como fonte da civilização europeia, além de estar associada à ascensão do conceito iluminista de “progresso”.

Por esse motivo, o século XVIII configura-se pela transição entre os dois modelos, como atesta o fato de Montesquieu (1996, p. 257), em seu *O Espírito das Leis*, escrito em 1748, se referir aos antigos egípcios como “[...] os melhores filósofos do mundo [...]”, ironicamente no mesmo capítulo em que justifica a escravização da África pelos europeus. Isso mostra que o Modelo Antigo ainda não havia sido completamente superado até aquele momento, apesar das frequentes justificativas da escravidão negra da parte de muitos iluministas como Montesquieu.

Destarte, o Modelo Ariano firmou-se na academia apenas no início do século XIX, e defende, em linhas gerais, o florescimento autônomo da civilização grega, considerada superior em razão e intelecto que as demais sociedades antigas. Esse paradigma nega as influências afro-asiáticas postuladas pelo Modelo Antigo e desqualifica as tradições gregas a respeito desses contatos culturais como tendo caráter mítico ou poético, e não verificado historicamente. Além disso, esse modelo buscou ao máximo embranquecer o Egito Antigo e distanciá-lo do restante do continente africano, considerado atrasado e sem História. (SAGREDO, 2017).

Portanto, o Modelo Ariano possui um viés eurocêntrico que ecoa nos escritos de grandes nomes da filosofia ocidental contemporânea. É o caso, por exemplo, de Friedrich Hegel (1770-1831), para quem o Egito “[...] não pertence ao Espírito Africano. O que nós devidamente entendemos por África é o Não Histórico, o Espírito Não Desenvolvido, ainda envolto nas condições de mera natureza [...]”. (HEGEL, 2001, p. 117)<sup>6</sup>. De semelhante modo, Martin Heidegger (1889-1976) afirmou em sua conferência “Que é isto – a filosofia?” (1957): “A frase: a filosofia é grega em sua essência, não diz outra coisa que: o Ocidente e a Europa, e somente eles, são, na marcha mais íntima de sua história, originariamente ‘filosóficos’.”. (HEIDEGGER, 1979, p. 212).

Não obstante, deve ser observado que, “[...] apesar de o etnocentrismo não servir como critério para o abandono das contribuições filosóficas de Kant, Hegel, Voltaire e de outros

---

<sup>6</sup> Tradução do inglês: “[...] it does not belong to the African Spirit. What we properly understand by Africa, is the Unhistorical, Undeveloped Spirit, still involved in the conditions of mere nature [...]”. (HEGEL, 2001, p. 117).



tantos filósofos, não é adequado desconsiderar o racismo epistêmico como um viés decisivo para entender esses trabalhos e seus desdobramentos.”. (NOGUERA, 2014, p. 31-32). Logo, é preciso ter em mente que esses intelectuais, desde o Iluminismo, têm exercido um acentuado impacto sobre o pensamento filosófico ocidental, cuja marca é visível mesmo nas discussões contemporâneas do mundo globalizado. Com respeito a esse aspecto, Noguera (2014, p. 38) acentua: “De um modo geral, mesmo os filósofos ocidentais que se colocam mais criticamente diante da globalização e do capitalismo permanecem ‘reféns’ do eurocentrismo.”.

Diante disso, Bernal (1987) ressalta que o século XX desenvolveu uma forma alternativa a esse paradigma, chamada pelo autor de Modelo Ariano Revisado por manter intacta a essência do Modelo Ariano a respeito da superioridade grega, sobretudo no que tange à racionalidade. Em compensação, essa nova modalidade, herdeira do Iluminismo, aceita, embora parcialmente, algumas contribuições afro-asiáticas à civilização helênica em determinadas áreas culturais.

Nesse sentido, o Modelo Ariano Revisado encontra lugar em muitos manuais modernos de filosofia, como é o caso de Giovanni Reale (1990, p. 11), o qual começa seu primeiro capítulo com a afirmação: “Seja como termo, seja como conceito, a filosofia é considerada pela quase totalidade dos estudiosos como uma criação própria do gênio dos gregos.”. Em seguida, o autor admite que, com a única exceção da filosofia, “[...] todos os outros componentes da civilização grega encontram uma correspondência junto aos demais povos do Oriente que alcançaram um nível de civilização elevado antes dos gregos [...]” (*ibid.*, p. 11), referindo-se a aspectos como religião, arte, variados conhecimentos técnicos, política e organizações militares.

Percebe-se, assim, que Reale mantém a essência do Modelo Ariano por atribuir aos gregos a descoberta do *logos* (a razão), mas admite as influências externas em todos os outros setores culturais. Além disso, considera a filosofia grega responsável em grande parte por assentar as bases da civilização ocidental e do método científico desenvolvido séculos mais tarde pelos europeus. Dessa forma, nota-se o recurso teleológico da tese da superioridade helênica, pois o passado é explicado em função de um futuro conhecido ou imaginado, nesse caso, uma Europa moderna herdeira direta do legado antigo dos gregos. Essa é uma tendência recorrente nos discursos de caráter eurocêntrico, como enfatizado por Jack Goody (2013).

Nessa concepção, o termo “pensamento” passa a ser aplicado aos outros povos da Antiguidade que se dedicaram à ação reflexiva, já que a filosofia pertenceria somente aos



gregos. (ASANTE, 2014). Tal recurso pode ser observado na obra de Frankfort *et al.* (1951), dedicada a investigar o pensamento especulativo de povos do Antigo Oriente Próximo, com foco no Egito e na Mesopotâmia. O próprio título da obra, *Before Philosophy* (“Antes da Filosofia”), indica que essas sociedades se limitavam ao campo mito-poético, não alcançando o estágio filosófico mais elevado, tarefa esta que caberia primeiro aos gregos. Por outro lado, o ensaio considera os hebreus um caso particular, pois são tratados como a transição entre essas duas dimensões: ao mesmo tempo em que demonstram superar parte da visão estritamente mito-poética de mundo própria das demais sociedades do Oriente Próximo, não foram capazes de atingir um grau de profundidade de reflexão filosófica equivalente aos gregos. Logo, sustenta-se a tese de que os hebreus e os gregos desenvolveram mais tarde aquilo que o Antigo Egito teria apenas vislumbrado, dando continuidade ao contributo egípcio à evolução do pensamento.

Nota-se, assim, que o Modelo Ariano Revisado também está presente nesse ensaio, pois, além de repetir a premissa da supremacia helênica, admite parcialmente o tributo do Egito. Este, aliás, é situado ao lado de sociedades asiáticas como a Mesopotâmia, e não mais propriamente como parte do continente africano, não só do ponto de vista geográfico, mas também cultural. Essa é uma questão fundamental enfatizada pela escola afrocêntrica, conforme se verá a seguir.

## **AFROCENTRICIDADE: CARACTERÍSTICAS, FONTES E CRÍTICAS**

Na contramão da “tradição ariana” do milagre grego está a Afrocentricidade, também chamada de Afrocentrismo, a qual “[...] pretende edificar um novo paradigma alternativo ao eurocêntrico dominante, relendo por completo a história das civilizações humanas e dos seus complexos relacionamentos.”. (BUSSOTTI; NHAUELEQUE, 2017, p. 2). Dessa maneira, o Afrocentrismo surgiu por volta da década de 1980 com as obras do filósofo afro-americano Molefi Kete Asante, inspirado sobretudo nos estudos do senegalês Cheikh Anta Diop, do congolês Théophile Obenga e do afro-americano George James, entre outros.

Segundo o próprio Asante (1987), a Afrocentricidade pode ser entendida como uma estrutura de referência na qual os fenômenos são vistos da ótica do próprio africano, cuja abordagem busca descobrir agência africana em toda situação, dando-lhe a devida centralidade. Todavia, ao contrário do eurocentrismo, não estabelece a particularidade africana como sendo



universal, mas antes uma perspectiva de que é possível haver um pluralismo de culturas sem hierarquia, o que exige igualdade cultural e respeito. (ASANTE, 2015; 2019). Da mesma forma, Gustavo Durão (2017, p. 31) destaca: “O Afrocentrismo para a filosofia não foi a negação do pensamento ocidental europeu, mas uma maneira de reposicionar outras formas de saber mais ajustadas às diversidades geoculturais dos povos.”. A esse respeito, a obra organizada por Elisa Larkin Nascimento (2009) apresenta diversos autores afrocentrados que exploram as definições e embates epistemológicos dessa proposta inovadora.

Destarte, a ideia afrocêntrica permite reconhecer as profundas raízes africanas da filosofia grega, em particular por meio da civilização do Egito Antigo. Este é chamado pelos afrocentristas de Kemet, um dos nomes dados pelos próprios egípcios ao seu território, podendo ser traduzido como “país dos homens negros” (DIOP, 2010, p. 22), o que é entendido como uma referência à sua cor da pele. Anta Diop considera esse aspecto de extrema relevância ao afirmar: “O Antigo Egito era uma civilização negra. A história da África Negra permanecerá suspensa no ar e não poderá ser escrita corretamente até os historiadores africanos ousarem conectá-la com a história do Egito.”. (DIOP, 1974, p. xiv)<sup>7</sup>. Quanto à evidência apresentada a favor dessa tese, Noguera (2014, p. 53) informa que: “Diop realizou pesquisas que demonstraram que as múmias egípcias eram negras, através de tecnologia que consegue verificar a concentração de melanina na epiderme.”.

Nesse quesito, tais estudiosos contribuem ao realocarem o Egito como parte do conjunto cultural africano maior. Esse paradigma também considera a existência de uma relativa unidade cultural orgânica de todo o continente africano, apesar de serem reconhecidas e valorizadas as expressões particulares de suas culturas locais. (DIOP, 1989).

Portanto, Asante classifica as principais fontes de sua escola em duas categorias: em primeiro lugar, a tradição afrocentrada anterior ao desenvolvimento de seu próprio paradigma, o que inclui as obras de Diop, Obenga e George James; e, em segundo lugar, a análise histórica documental com respeito à civilização egípcia, feita sobretudo com fontes arqueológicas e documentos da literatura greco-latina. (BUSSOTTI; NHAUELEQUE, 2017).

---

<sup>7</sup> Tradução do inglês: “Ancient Egypt was a Negro civilization. The history of Black Africa will remain suspended in air and cannot be written correctly until African historians dare to connect it with the history of Egypt.”. (DIOP, 1974, p. xiv).



Além disso, os afrocentristas buscam operar um retorno ao Modelo Antigo aceito até o século XVIII, utilizando como fontes os diversos registros literários de escritores clássicos que reverenciam as sociedades afro-asiáticas. Não se trata, porém, de um simples retorno, mas sim de um aprimoramento daquele modelo com base em novas fontes descobertas pela pesquisa científica moderna, em especial de origem arqueológica, e em novas leituras das fontes literárias antigas já conhecidas. (BERNAL, 1987).

Provido de tais fontes, Asante (2015, p. 106) conclui: “A influência africana sobre a Grécia antiga, a mais velha civilização europeia, foi profunda e significativa na Arte, Arquitetura, Astronomia, Medicina, Geometria, Matemática, Direito, Política e Religião.”. Martin Bernal (1987) trata extensamente de muitos desses tópicos, ao passo que George James (1954) focaliza a sua pesquisa sobre a herança egípcia africana da filosofia grega.

No entanto, nem todos os estudiosos aceitam a extensão completa dessa influência. É o caso da obra de Mary Lefkowitz (2008), que questiona os estudos supracitados ao defender que a influência egípcia sobre os gregos somente foi de fato significativa na arte e na arquitetura. Seu argumento é o de que os escritores gregos utilizados pelos afrocentristas não podem ser tomados como fontes inteiramente confiáveis, visto que “[...] esse relato [grego] das origens da civilização é, para dizer o mínimo, altamente idiossincrático, e quase certamente errôneo.”. (LEFKOWITZ, 2008, p. 18)<sup>8</sup>. Logo, em seu entender, a noção de que a religião e a filosofia do Egito tiveram um impacto significativo na Hélade é um mito cultural construído pelos próprios gregos, que buscavam se apoiar em uma civilização muito mais antiga como a egípcia a fim de enaltecer a sua própria. Enfim, a autora entende que as afirmações dos afrocentristas carecem de maior base científica, e qualifica o Afrocentrismo como uma desculpa para ensinar mito como história.

Em contrapartida, Asante (2015) aponta alguns problemas graves na argumentação de Lefkowitz, como, por exemplo, a sua redundância ao fazer determinadas afirmações e então oferecer as suas próprias interpretações como evidência. Além disso, outra falha observada é a tendência de a autora se deter em assuntos insignificantes ou triviais a fim de obscurecer o ponto principal, como a discussão se Sócrates seria negro. Asante (2015) adverte, por outro lado, que

---

<sup>8</sup> Tradução do inglês: “[...] this account of the origins of civilization is, to put it mildly, highly idiosyncratic, and almost certainly wrong.”. (LEFKOWITZ, 2008, p. 18).



essas questões secundárias não são usadas como argumento pelos estudos afrocentrados. Afinal, Asante (2015, p. 106) conclui que essa obra “[...] ignora ou distorce evidências substanciais da influência africana sobre a Grécia nos escritos antigos de Aécio, Estrabo, Platão, Homero, Heródoto, Diógenes, Plutarco e Diodoro da Sicília.”

Obenga (2013), por seu turno, também questiona o trabalho de Lefkowitz junto com o de outros eruditos a quem classifica como “africanistas eurocentristas”, herdeiros intelectuais da perspectiva historiográfica hegeliana, que desqualificam o método afrocêntrico como sendo supostamente prejudicado pelo anacronismo e pela propaganda pan-africanista. Diante disso, Obenga (2013, p. 46) encerra sua reflexão dizendo: “Mary Lefkowitz está enganada: os Gregos não têm um espírito mais propenso à abstracção que os Japoneses, os Chineses, os Hopi, os Zulus, os Olmeques, os Maias, os Azetecas, os Dogon, os Polinésios, os Celtas, os Árabes, os Judeus, etc. Acreditar nisso é um mito ocidental.”

Nesse sentido, a tese da autora aproxima-se do que Bernal (1987) designa como Modelo Ariano Revisado, também seguido por Reale (1990) e Frankfort *et al.* (1951), em vista de sua aceitação apenas parcial do extenso legado kemético/egípcio à Hélade.

Como mostrado por Lefkowitz (2008), as críticas à Afrocentricidade recaem em grande medida sobre questões metodológicas. Assim, por exemplo, estudiosos como Frank Snowden (1983) questionam o conceito de “negro” empregado pelos afrocentristas e advertem contra o perigo de atribuir noções modernas ao passado. Destacam, portanto, ser necessário levar em conta a complexidade de se definir a cor da pele na Antiguidade.

Outra crítica recorrente, também partilhada por Lefkowitz (2008) e Snowden (1983), diz respeito à suposta confiança excessiva que os afrocentristas, como Bernal, depositariam em relatos e personagens míticos da literatura clássica. Por outro lado, aqueles contra-argumentam que o caráter mítico e lendário dessas narrativas não exclui a presença de elementos históricos que podem conduzir a uma compreensão mais abrangente das relações raciais no Mundo Antigo.

Souza (2007), por exemplo, defende que o dramaturgo grego Sófocles teria retratado o mítico Édipo em sua obra como tendo pele negra. O pesquisador demonstra que esse atributo foi omitido em todas as traduções modernas da tragédia “Édipo Rei” de Sófocles que foram analisadas, fato que atribui ao racismo epistêmico presente nos estudos clássicos acadêmicos. Souza (2007) também recorda que a tradição grega retrata Édipo como descendente do fenício





Cadmo, o lendário fundador de Tebas e introdutor do alfabeto fenício na Grécia. O autor conclui que essa referência de Sófocles à cor da pele de Édipo não é um simples detalhe irrelevante da peça, mas sim um indicativo da complexidade das relações raciais na Antiguidade, bem como do contato próximo entre gregos e povos negros como os fenícios e egípcios. Em complemento a Souza, Diop (1991, p. 151) considera que Cadmo teria sido um negroide vindo de Canaã, na Fenícia, e que essa narrativa possui um componente de historicidade que não pode ser ignorado.

De todo modo, as críticas de Lefkowitz (2008), Snowden (1983) e outros são pertinentes na medida em que permitem aprimorar as abordagens metodológicas do paradigma afrocêntrico e consolidar a sua definição epistemológica.

### **ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES EGÍPCIAS E AFRICANAS À FILOSOFIA GREGA**

Neste tópico serão tratados com mais profundidade alguns componentes do sistema de pensamento kemético/egípcio e a sua influência sobre o desenvolvimento da filosofia helênica, destacando o papel do Kemet/Egito como centro de sabedoria do Mundo Antigo.

Primeiramente, as escavações arqueológicas na região de Creta levantadas por Arthur Evans em 1900 forneceram uma extensa cultura material que demonstra o intenso intercâmbio entre as civilizações egípcia e grega desde o assim chamado Período do Bronze, considerado tradicionalmente aquele anterior à Guerra de Troia, durante as sociedades cicládica, minoica e micênica. Logo, essa troca de relações culturais pode ser um indicativo do legado da filosofia kemética à civilização helênica desde os seus primórdios. (FACÃO, 2018). Nesse sentido, Diop (1974; 1991) postula que esses contatos tiveram início a partir da XVIII Dinastia Egípcia, momento em que são registradas muitas incursões egípcias à região do mar Egeu.

De fato, a influência egípcia pode ser verificada na própria palavra “filosofia”, composta de duas partes: *philo*, que significa amigo ou amante; e *sophia*, que significa sabedoria ou sábio, de modo que o filósofo é chamado de amante ou amigo da sabedoria. Contudo, Asante (2014) observa um detalhe pouco conhecido na academia: há estudos que demonstram que a palavra *sophia* deriva do termo egípcio *seba*, que significa “o sábio”, chegando ao grego através do copta *sebo*. A primeira ocorrência conhecida do vocábulo *seba* remonta a uma inscrição no túmulo do Faraó Antef I, da XI Dinastia, datado por volta de 2052 a.C.



Apesar disso, muitos dicionários de etimologia grega insistem em afirmar que a origem do termo “filosofia” é desconhecida. Por outro lado, Facção (2017) argumenta que, mesmo se a palavra for genuinamente de origem grega indo-europeia, isso não significa que a prática filosófica tivesse sido inexistente antes da criação do neologismo helênico, e tampouco exclui a contribuição africana à filosofia grega.

Em complemento a Asante, Obenga (2004) ressalta que o termo *seba*, na língua egípcia, também possui o sentido de “ensinar”, sugerindo ensino metodológico e um árduo processo de aprendizagem, como na escola. Além disso, *seba* é escrito com o símbolo de uma “estrela”, o que Obenga (2004) entende como representando a luz do conhecimento. De *seba* deriva o termo *sebayit*, que significa: “[...] ‘ensino escrito’, ‘instrução’, ‘sabedoria’, também ‘pedagogia’, isto é, a arte de trazer os alunos das trevas para a luz na vida intelectual e espiritual [...]” (OBENGA, 2004, p. 34)<sup>9</sup>.

Ademais, o termo egípcio que circunscrevia a filosofia, a sabedoria e a ciência é *rekhet*, o qual abarcava o sentido de “adquirir o bom discernimento das coisas”, gerando a oportunidade de instruir. Esse vocábulo remetia a outro conceito vital do pensamento kemético: *mdt nfr*, que pode ser traduzido como a palavra perfeita, uma fala bem esculpida e cuidadosamente talhada. (DUARTE, 2019; NOGUERA, 2013). Essa palavra bem-feita é alcançada mediante a prática da Maat, princípio fundamental que abrange as noções de retidão, harmonia e verdade, sendo representada como uma deusa importante na cultura egípcia, o que demonstra muito do esforço filosófico da busca pela verdade por parte dos antigos africanos. (KARENGA, 2004).

Afinal, a multiplicidade dos deuses do Kemet, como Maat e seu consorte Toth, patrono da escrita e dos mistérios de reserva aos iniciados, expressa a unidade do Absoluto, uma vez que “[...] os deuses egípcios são apenas as diferentes manifestações, os diferentes aspectos de um único e mesmo deus. Eles são como os membros de um só corpo.” (TOWA, 2015, p. 33).

Portanto, esses autores concluem que o conceito de “amor à sabedoria” estava presente no Egito desde o princípio de sua história, tendo sido séculos mais tarde adotado pelos primeiros pensadores gregos. Diógenes Laércio parece corroborar essa ideia ao afirmar: “[...] Pitágoras foi o primeiro a usar o termo e a chamar-se de filósofo [...]” (*Vidas*, I, 12; 2008, p. 15). Vale

---

<sup>9</sup> Tradução do inglês: “[...] *sebayit*: ‘written teaching’, ‘instruction’, ‘wisdom’, also ‘pedagogy’, that is, the art of bringing pupils from darkness to light in intellectual and spiritual life [...]” (OBENGA, 2004, p. 34).



salientar que o místico italiano, segundo a tradição de seus seguidores, passou cerca de 22 anos no Egito, de onde teria recebido a inspiração para criar o neologismo. (NOGUERA, 2014).

Com respeito à antiguidade do pensamento filosófico do Kemet, Asante (2000) traz uma lista de eminentes pensadores egípcios, tais como: Ptah-hotep e Amen-em-ope, conhecidos por seus ensinamentos éticos e de comportamento em diversos âmbitos da sociedade; Im-hotep, aclamado por sua versatilidade em muitos campos do saber, chegando a ser deificado como o patrono da medicina; Kagemni, considerado por alguns o primeiro pacifista por sua defesa da compaixão para com todas as criaturas vivas; e o faraó monoteísta Aquenáton, para quem o divino está presente em toda parte e em todas as coisas.

Cabe assinalar que o conhecimento egípcio era produzido pelas escolas de escribas nos diversos templos situados nos principais distritos do país, tais como as cidades de Heliópolis, Hermópolis, Mênfis, Abidos e Tebas. Essas escolas eram chamadas de *per-ankh*, ou “casas da vida”, e “[...] correspondiam às nossas universidades hoje, com laboratórios de pesquisa, observatórios, bibliotecas, alojamentos e refeitórios cujo acesso estava reservado aos estudantes e seus professores.”. (DUARTE, 2019, p. 250). Assim, as casas da vida desempenhavam um papel muito similar aos *scriptoria* dos mosteiros da Europa medieval, com a função de produzir e copiar textos nos diversos domínios do conhecimento, de maneira que atuavam na qualidade de “[...] verdadeiras instituições culturais, onde se concentrava o essencial da atividade intelectual do país.”. (ARAÚJO, 2000, p. 34).

Destarte, o Sistema de Mistérios produzido nesses templos exerceu uma profunda influência sobre a filosofia desenvolvida pelos gregos. Isso pode ser verificado, primeiramente, a partir da comparação entre alguns conceitos empregados por Tales de Mileto e aqueles de uso corrente no pensamento kemético e africano.

Assim, Diógenes Laércio afirma com relação a Tales: “Ninguém lhe deu lições, com a única exceção de sua viagem ao Egito, onde passou algum tempo com os sacerdotes.”. (*Vidas*, I, 27; 2008, p. 19). Esse mesmo escritor menciona que, no parecer de alguns autores, “[...] Tales sustentou pela primeira vez a imortalidade da alma.”. (*Vidas*, I, 24; 2008, p. 18). Merece destaque, nesse quesito, que o conceito da alma imortal, amplamente divulgado pelas escolas pitagórica e platônica, constitui “[...] uma das noções fundamentais da filosofia africana antiga que influenciou o pensamento grego e que se disseminou até o período helenístico.”. (FACÃO,



2017, p. 180). Diante disso, pode-se constatar que essa noção abraçada por Tales está associada à sua instrução com os sacerdotes egípcios.

Diógenes Laércio também pontua: “Tales disse que o princípio do universo é a água, e que o mundo é dotado de alma e repleto de divindades.” (*Vidas*, I, 27; 2008, p. 19). A partir dessa passagem, é possível notar, na filosofia de Tales, a presença marcante do princípio africano do animismo, segundo o qual cada componente da natureza é revestido de uma realidade transcendente e divina. (NOGUERA, 2014).

Ademais, com base no mesmo trecho, observa-se que a água como o princípio fundante do cosmos coaduna-se com o conceito egípcio de Nun, referente à água abismal que serviria de elemento primordial e unificador do universo, a causa primeira, semelhante à *arché* dos gregos. (DANTAS, 2018). Afinal, vale destacar que esse princípio holístico e harmonioso se encontra na base de todas as culturas africanas, tendo sido transmitido aos helênicos pela mediação do Kemet. (TOWA, 2015).

Outros paralelos entre o pensamento filosófico egípcio e grego podem ser indicados a partir da análise de algumas passagens de dois pensadores egípcios: Ptah-hotep e Amen-em-ope, cujas obras foram traduzidas por Emanuel Araújo (2000).

Em primeiro lugar, Ptah-hotep foi vizir do Faraó Isési da V Dinastia e é conhecido por suas 37 máximas de sabedoria abarcando diversas áreas da vida e do cotidiano. É de grande interesse aqui a sua primeira máxima, na qual apresenta a humildade de aprender como uma nobre virtude: “Não te envaideças de teu conhecimento, toma o conselho tanto do ignorante quanto do instruído, pois os limites da arte não podem ser alcançados e a destreza de nenhum artista é perfeita.” (PTAH-HOTEP, 2000, p. 247).

Esse trecho permite concluir que, para Ptah-hotep, a filosofia é uma arte em constante lapidação e sempre inconclusa. Por isso, o filósofo-artista deve reconhecer com humildade suas limitações perante os mistérios da vida, bem como valorizar o aprendizado e a experiência tanto do ignorante quanto do instruído. Logo, esse princípio encontra correspondência com a noção grega de nulidade do conhecimento humano perante a complexidade insondável do cosmos, a qual é expressa pelo aforismo socrático: “Só sei que nada sei”. (REALE, 1990).

Em seguida, na mesma máxima, Ptah-hotep continua dizendo: “O bem falar é mais raro que a esmeralda, mas pode encontrar-se entre criados e britadores de pedra.” (PTAH-HOTEP,



2000, p. 247). Nota-se aqui o emprego do conceito *mdt nfr*, traduzido como o “bem falar”, ou a palavra perfeita, referente à prática da reflexão filosófica. Assim, Ptah-hotep considera que esse é um dom muito precioso e, em geral, difícil de ser encontrado, mas que pode estar presente entre as pessoas mais simples e sem o acesso à instrução formal nas escolas de escribas. Essa perspectiva, portanto, assemelha-se do entendimento cultivado por muitos filósofos gregos, em particular pelos epicuristas e estoicos, de que a filosofia poderia ser praticada até mesmo entre setores subalternos da sociedade como os escravos. (REALE, 1990).

Em segundo lugar, Amen-em-ope, por sua vez, foi um alto funcionário da corte real na XX Dinastia e deixou como legado 30 capítulos com sentenças de sabedoria. Ressalta-se, em seus *Ensinamentos*, o emprego da expressão *geru maa*, referente ao homem “verdadeiramente sereno” que se mantém em silêncio mesmo na adversidade, em oposição ao homem irascível. Essa dualidade pode ser verificada no capítulo 3 desse pensador: “Não comeces uma rixa com um homem de fala inflamada nem o provoques com palavras. Sê cauteloso ante um oponente, cede ao que ataca, reflète antes de falar.”. (AMEN-EM-OPE, 2000, p. 265).

Destarte, a ética da serenidade de Amen-em-ope, fruto do autocontrole expressado pelo silêncio humilde e reverente, pode ser comparada à *sophrosýne*, ou temperança, uma das quatro virtudes cardeais da Grécia clássica (LICHTHEIM, 1996), também de presença notável entre os epicureus e os estoicos. (NOGUERA, 2015).

Afinal, outro conceito de uso constante por Amen-em-ope é o *Ib*, o coração metafísico, entendido pela tradição kemética como a sede do pensamento, das ações e do caráter, dotado de um princípio divino, como fica claro em seu capítulo 24: “O coração do homem é uma dádiva do deus, guarda-te de descuidá-lo.”. (AMEN-EM-OPE, 2000, p. 278). Assim, o homem sereno é aquele capaz de examinar o seu próprio coração e dizer a verdade sobre si, conceito inovador de Amen-em-ope chamado por Noguera (2015) de cardiografia do pensamento, a qual conduz ao autoconhecimento. Esse princípio representa, portanto, o cerne da ação filosófica, e também pode ser expresso pelo aforismo grego “conhece-te a ti mesmo”, atribuído por Diógenes Laércio a Tales de Mileto. Logo, tendo em vista a instrução do milesiano no Egito, é possível constatar que essa corresponde a mais uma influência egípcia sobre a então nascente filosofia grega.

## AFROCENTRICIDADE NO COMBATE AO RACISMO EPISTÊMICO



Muitas outras contribuições egípcias à filosofia grega poderiam ser referidas. Resta, porém, tratar brevemente da importância da Afrocentricidade no combate ao racismo epistêmico escolar e acadêmico.

Nesse sentido, Asante (2019) propõe que o paradigma afrocêntrico colabora na educação por oferecer aos alunos uma visão mais pluralista de mundo, mostrando a História do ponto de vista dos africanos. Essa forma inovadora de abordar a História auxilia o estudante afrodescendente a enfrentar problemas de autoestima decorrentes de uma visão unilateral da História marcada pelo racismo epistêmico, definido como a negação da capacidade intelectual de um grupo étnico ou racial, fruto do epistemicídio que este sofre historicamente, isto é, o seu silenciamento. (RAMOSE, 2011).

Em vista disso, Asante (2019) defende a ideia afrocêntrica como ponto de partida para a abordagem multicultural na educação. Esta, para ser justa, deve partir da premissa de que todos os seres humanos contribuíram ao desenvolvimento do mundo e ao fluxo de conhecimento e informação. Por esse motivo, a Afrocentricidade não é a versão negra do eurocentrismo, mas promove uma reforma curricular total do ensino. Para tanto, é necessário divulgar o conhecimento com base em uma acurada investigação científica contra a hegemonia monoétnica do currículo. Um exemplo de iniciativa afrocêntrica nesse sentido é a obra organizada por Ivan van Sertima (1991), na qual são tratadas as realizações dos negros nas mais variadas áreas da ciência, desde a África Antiga até os afro-americanos do século XX.

A perspectiva estadunidense de Asante pode ser aplicada do mesmo modo ao Brasil, de acordo com Renato Nogueira (2014), ao concordar com Asante que o sistema educacional deve passar por uma revisão geral, e não apenas alguns ajustes. Dessa forma, um passo essencial é a devida aplicação prática da Lei 10.639, de 2003, a qual determina o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira na rede pública e privada da Educação Básica. Nogueira (2014) entende que isso implica naturalmente o ensino da filosofia dos povos africanos desde a sua primeira aparição conhecida, ou seja, no Egito Antigo, bem como suas diversas contribuições à filosofia grega e, por extensão, a toda a civilização ocidental, inclusive no que diz respeito à formulação do método científico.





Nesse sentido, a oralitura, entendida como o conjunto de textos orais transmitidos a cada geração, recebe destaque em uma compreensão mais apurada da filosofia africana, uma vez que “[...] é importante desvincular a ausência de registros escritos da inexistência de reflexões filosóficas.” (NOGUERA, 2014, p. 63). Afinal, conforme Hampaté Bâ (2010, p. 168): “Nada prova *a priori* que a escrita resulta em um relato da realidade mais fidedigno do que o testemunho oral transmitido de geração a geração.”. Destarte, Omoregbe (1998) ressalta que as perspectivas filosóficas dos antigos africanos foram preservadas em diversos meios não escritos, podendo ser encontradas em mitos, aforismos, máximas de sabedoria, provérbios tradicionais, contos, práticas religiosas e na própria organização político-social de um povo.

Por fim, o filósofo costa-marfinense Paul Hountondji (2009) enfatiza a importância de se reconhecer a autoconsciência dos próprios africanos com respeito à sua filosofia, rompendo com o estigma generalizado de que somente os analistas ocidentais poderiam traçar um quadro sistemático de sua sabedoria. Esse é mais um caminho em direção à descolonização epistêmica da atividade filosófica africana, processo que busca pluriversalizar o conhecimento de modo a ultrapassar as correntes ocidentais hegemônicas da filosofia. (DANTAS, 2018; TOWA, 2015).

Por conseguinte, esses são alguns elementos teóricos que podem colaborar no combate ao racismo epistêmico e no cumprimento da Lei 10.639/03. Assim, essa mudança radical de mentalidade pode conduzir a uma revolução não apenas na maneira de enxergar e escrever a História, mas também em comportamentos individuais e coletivos frente à diversidade das expressões culturais, acentuada ainda mais com a atual globalização dos meios de comunicação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou trazer à tona a perspectiva afrocentrada com respeito às origens africanas da filosofia grega, mediante a divulgação de obras e reflexões de alguns dos principais estudiosos dessa corrente de pensamento. Para tanto, foram discutidos e analisados aspectos como: a passagem do Modelo Antigo para o Modelo Ariano da civilização grega; características, fontes e críticas do paradigma afrocêntrico; o papel do Egito como centro de sabedoria do Mundo Antigo; e a ideia afrocêntrica aplicada em educação.



No entanto, não pretendeu esgotar o tema, uma vez que muitas outras contribuições egípcias à filosofia grega poderiam ser referidas e abordadas, com base em tipos diversificados de fontes empregadas pela escola afrocêntrica de estudos.

Conclui-se que os afrocentristas abordados colaboraram com as suas pesquisas ao demonstrarem a riqueza do patrimônio africano para o mundo, aspecto que toma novas dimensões ao se levar em conta que o Brasil é um país com preponderância de população parda (negra e mestiça), exibindo a maior soma de afrodescendentes fora da África no mundo. Logo, o patrimônio africano e afro-brasileiro não deve ser ignorado diante dos estudos de correntes como a Afrocentricidade, mas deve antes servir de estímulo à construção de uma sociedade mais justa e democrática, a começar por uma historiografia inclusiva e um currículo pluriversal, passando por uma reforma completa da mentalidade escolar e acadêmica de brancos e negros.

## FONTES

### Fontes arqueológicas

AMEN-EM-OPE. Ensinamentos de Amen-em-ope. In: ARAÚJO, E. **Escrito para a eternidade: a literatura no Egito faraônico**. Brasília: Editora UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. (Fontes Históricas). p. 260-280.

PTAH-HOTEP. Ensinamentos de Ptah-hotep. In: ARAÚJO, E. **Escrito para a eternidade: a literatura no Egito faraônico**. Brasília: Editora UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. (Fontes Históricas). p. 244-259.

### Fontes literárias

HERÓDOTO. **Histórias: Livro II – Euterpe**. Tradução, introdução e notas Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2016.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução Carlos Alberto Nunes. 25. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

LAËRTIOS, D. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Tradução do grego, introdução e notas Mário da Gama Kury. 2. ed. Brasília: Editora UnB, 2008.

PLATÃO. **Timeu-Críticas**. Tradução Rodolfo Lopes. 1. ed. Coimbra: CECH, 2011.

SÍCULO, D. **Biblioteca Histórica, Libros I-III**. Introducción, traducción y notas de Francisco Parreu Alasà. Madrid: Editorial Gredos, 2001.



## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, E. **Escrito para a eternidade**: a literatura no Egito faraônico. Brasília: Editora UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. (Fontes Históricas).
- ASANTE, M. K. A ideia afrocêntrica em educação. Tradução Ricardo Matheus Benedicto. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, n. 31, p. 136-148, 2019.
- \_\_\_\_\_. Raça na Antiguidade: na verdade, provém da África. Tradução Fernando Lopes Tomé. **Capoeira – Revista de Humanidades e Letras**, v. 1, n. 3, p. 105-113, 2015.
- \_\_\_\_\_. **The Afrocentric Idea**. Philadelphia: Temple University Press, 1987.
- \_\_\_\_\_. **The Egyptian Philosophers**: Ancient African voices from Imhotep to Akhenaten. Illinois: African American Images, 2000.
- \_\_\_\_\_. Uma origem africana da filosofia: mito ou realidade? Tradução Marcos Carvalho Lopes. **Capoeira – Revista de Humanidades e Letras**, v. 1, n. 1, p. 117-121, 2014.
- BÂ, A. H. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (org.). **História Geral da África, v. I**: Metodologia e pré-história da África. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO; MEC, 2010. p. 167-212.
- BARBOSA, M. S. Eurocentrismo, História e História da África. **Sankofa**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 46-63, 2008.
- BERNAL, M. **Black Athena**: The Afroasiatic Roots of Classical Civilization. New Jersey: Rutgers University Press, 1987.
- BUSSOTTI, L.; NHAUELEQUE, L. A. A invenção de uma tradição: as fontes históricas no debate entre afrocentristas e seus críticos. **História**, São Paulo, v. 37, p. 1-28, 2017.
- CANDIDO, M. R. A África Antiga sob a ótica dos clássicos gregos e o viés africanista. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 19, n. 30, p. 20-38, 2018.
- DANTAS, L. T. F. **Filosofia desde África**: perspectivas descoloniais. 2018. 230 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.
- DIOP, C. A. **Civilization or barbarism**: an authentic anthropology. Translated from the French by Yaa-Lengi Meema Ngemi. 1. ed. Brooklyn: Lawrence Hill Books, 1991.
- \_\_\_\_\_. Origem dos antigos egípcios. In: MOKHTAR, G. (org.). **História Geral da África, v. II**: África Antiga. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO; MEC, 2010. p. 1-36.



\_\_\_\_\_. **The African Origin of Civilization: Myth or Reality?** Translated from the French by Mercer Cook. Westport: Lawrence Hill & Co., 1974.

\_\_\_\_\_. **The Cultural Unity of Black Africa: The Domains of Patriarchy and of Matriarchy in Classical Antiquity.** London: Karnak House, 1989.

DUARTE, V. Auto-conhecimento em Kemet: origem das universidades. **Problemata: R. Intern. Fil.**, v. 10, n. 2, p. 243-257, 2019.

DURÃO, G. A. Antiguidade e Afrocentrismo: crítica e mito na História Antiga. **Faces da História**, Assis, v. 4, n. 2, p. 28-41, jun./dez. 2017.

FACÃO, E. Alguns documentos antigos sobre a filosofia egípcia. In: BRANCAGLION JUNIOR, A.; CHAPOT, G. (org.). **Semna – Estudos de Egiptologia V.** Rio de Janeiro: Editora Klínē, 2018. p. 159-169.

\_\_\_\_\_. Os mestres do deserto: algumas considerações sobre a filosofia egípcia. In: BRANCAGLION JUNIOR, A.; CHAPOT, G. (org.). **Semna – Estudos de Egiptologia IV.** Rio de Janeiro: Editora Klínē, 2017. p. 170-184.

FRANKFORT, H. *et al.* **Before Philosophy: an essay on speculative thought in the Ancient Near East.** London: Penguin Books, 1951.

GOODY, J. **O roubo da História: como os europeus se apropriaram das ideias e invenções do Oriente.** Tradução Luiz Sérgio Duarte da Silva. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

HEGEL, G. W. F. **The Philosophy of History.** Ontario: Batoche Books, 2001.

HEIDEGGER, M. Que é isto – a filosofia? In: \_\_\_\_\_. **Conferências e Escritos Filosóficos.** Tradução Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 211-222.

HOUNTONDJI, P. Conhecimento de África, conhecimento de africanos: duas perspectivas sobre os estudos africanos. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (org.). **Epistemologias do Sul.** Coimbra: Almedina, 2009. p. 119-131.

JAMES, G. G. M. **Stolen Legacy: Greek Philosophy is Stolen Egyptian Philosophy.** New York: Philosophical Library, 1954.

KARENKA, M. **Maat, the moral ideal in ancient Egypt: a study in classical African ethics.** New York and London: Routledge, 2004. (African Studies).

LEFKOWITZ, M. **Not out of Africa: How Afrocentrism became an excuse to teach myth as history.** New York: Basic Books, 2008.



LICHTHEIM, M. Didactic literature. In: LOPRIENO, A. (ed.). **Ancient Egyptian Literature: History and Forms**. Leiden: E. J. Brill, 1996. p. 243-262.

MONTESQUIEU, B. **O Espírito das Leis**. Tradução Cristina Murachco. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Paidéia).

MOORE, C. **Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

MORAES, E. S. **Heródoto e o Egito: tradução e comentário do Livro II das Histórias**. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

NASCIMENTO, E. L. (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4).

NOGUERA, R. A ética da serenidade: O caminho da barca e a medida da balança na filosofia de Amen-em-ope. **Ensaio Filosófico**, v. 8, p. 139-155, dez. 2013.

\_\_\_\_\_. Amenemope, o coração e a filosofia, ou, a cardiografia (do pensamento). In: BRANCAGLION JUNIOR, A.; CHAPOT, G. (org.). **Semna – Estudos de Egiptologia II**. Rio de Janeiro: Editora Klínē, 2015. p. 117-127.

\_\_\_\_\_. **O Ensino de Filosofia e a Lei 10.639**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca Nacional, 2014.

OBENGA, T. Egypt: Ancient History of African Philosophy. In: KWASI, W. (org.). **A Companion to African Philosophy**. Massachusetts: Blackwell, 2004. p. 31-49.

\_\_\_\_\_. **O Sentido da Luta Contra o Africanismo Eurocentrista**. Tradução Manuel F. Ferreira. Mangualde: Edições Pedagogo; Luanda: Edições Mulemba, 2013. (Reler África).

OMOREGBE, J. I. African Philosophy: yesterday and today. In: EZE, E. C. (org.). **African Philosophy: an anthology**. Oxford: Blackwell, 1998.

RAMOSE, M. B. Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana. Tradução Dirce E. N. Solis. **Ensaio Filosófico**, Rio de Janeiro, v. 4, p. 6-23, out. 2011.

REALE, G. **História da Filosofia v. I: Antigüidade e Idade Média**. 3. ed. São Paulo: PAULUS, 1990. (Filosofia).

SAGREDO, R. **Raça e etnicidade: questões e debates em torno da (des)africanização do Egito Antigo**. 2017. 172 f. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.



SNOWDEN, F. M. **Before Color Prejudice: the ancient view of blacks.** Cambridge: Harvard University Press, 1983.

SOUZA, R. J. **Tragédia “Édipo Rei” de Sófocles. O que ela tem a nos dizer sobre relações raciais no campo da historiografia Clássica brasileira.** 2007. 108 f. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

TOWA, M. **A ideia de uma filosofia negro-africana.** Tradução Roberto Jardim da Silva. Belo Horizonte: Nandyala; Curitiba: NEAB-UFPR, 2015.

VAN SERTIMA, I. (org.). **Blacks in Science: Ancient and Modern.** New Brunswick: Transaction Books, 1991.

WEST, M. L. The invention of Homer. **The Classical Quarterly**, Cambridge, v. 49, n. 2, p. 364-382, dez. 1999.

Daniel, que texto primoroso e bem cuidado! Parabéns pela dedicação de sempre! Foi um prazer tê-lo como aluno.